

## Amanuenses, escribas e outros burocratas na produção ficcional de Lima Barreto

Prof. Dr. Marcos Vinícius Scheffel<sup>1</sup> (UFAM/FAPEAM)

...

### **Resumo:**

A virada do século XIX para o XX no Brasil trouxe mudanças significativas no quadro político, técnico e social. Assistiu-se à consolidação da República, às reformas urbanas que tentavam dar um ar moderno ao Rio de Janeiro e à transformação do papel de determinados setores sociais: a cidade letrada criou novos mitos de ascensão social e pôs em cena novos protagonistas. Nesse quadro complexo, o funcionalismo público passou a se configurar num setor que requeria grandes contingentes humanos e a representar mais efetivamente os setores médios de nossa sociedade. Esse setor social interessou sobremaneira Lima Barreto não só por fazer parte da máquina burocrática, mas por perceber que havia ali um grande potencial de síntese literária e social. Nesse trabalho, procuro trilhar os caminhos da escrita de Lima Barreto na representação literária da vida de amanuenses, escribas e outros burocratas que transitam por sua escrita. Para tanto, percorro as anotações do *Diário Íntimo*, onde Lima Barreto traça rápidos esboços, e procuro comparar os desdobramentos estéticos e ideológicos na produção ficcional do autor, em especial em *Vida e Morte*.

**Palavras-chave:** Lima Barreto, a cidade letrada, funcionalismo público.

- 1 Pouco se fala da relação entre os três primeiros projetos ficcionais de Lima Barreto, encarados normalmente de maneira autônoma e com grandes discrepâncias entre si. No entanto, um breve olhar nos apontamentos do *Diário Íntimo* revela a proximidade destes projetos ficcionais: *Triste Fim* tem sua primeira anotação em 1905; *Recordações*, neste mesmo ano; e *Vida e Morte*, em 1906. *Vida e Morte* e *Recordações* são produzidos ao mesmo tempo e estão prontos para serem publicados em 1908. Porém, Lima Barreto opta por publicar *Recordações*, que lhe parecia um livro mal feito, brutal e que poderia chocar o meio literário do período (CO1, p. 169). Em 1910, Lima Barreto retoma *Triste Fim* e faz uma série de apontamentos ficcionais no *Diário* que definem a estrutura do romance (DI, p. 141-147). Este romance seria publicado em folhetins no *Jornal do Comércio*, em 1911, e teria sua segunda edição, em livro, em 1915. Já *Vida e Morte* foi publicado somente em 1919, a pedido de Monteiro Lobato que tinha fundado recentemente a *Revista do Brasil* e queria publicar algo do autor de Policarpo Quaresma (CO2, p. 49). Trata-se de um livro que, assim como *Triste Fim*, pôde passar por uma revisão mais criteriosa do autor, expurgando o que

tinha sido a principal crítica ao seu primeiro romance: os ataques a figuras influentes da sociedade brasileira<sup>1</sup>.

- 2 Nesses três primeiros romances, Lima Barreto trilhou, em pouco menos de 10 anos, algumas etapas que caracterizariam, mais à frente, a literatura moderna entre nós: 1º - uma fase de crítica destruidora aos mandarins das letras nacionais e suas fórmulas prontas de literatura; 2º - a realização de uma obra que cumpria um programa de valorização da cultura nacional e que revia criticamente um momento decisivo de nossa história (*Triste Fim*); 3º - um romance de experimentação – rompendo os limites entre os gêneros literários (*Vida e Morte*). Esta rápida caracterização dos romances serve para enfatizar o caráter experimental que atravessou a produção escrita de Lima Barreto, que não se contentou em ser apenas um escritor maldito e boêmio – máscara rentável usada por alguns dos seus contemporâneos – e tão pouco com o sucesso angariado com *Triste Fim*. A experimentação e o rompimento com as fórmulas preestabelecidas, elementos que talvez melhor caracterizem a literatura moderna entre nós (ANDRADE, 1978, p. 231-255; BOSI, 2003, p. 209-242; CANDIDO, 2000, p. 101-126), acompanharam, do início ao fim, a escrita de Lima Barreto. Isso não impede que determinados elementos, técnicas narrativas e temas sejam recorrentes nestes três romances. Um desses elementos é bastante evidente e une o destino dos protagonistas dessas obras: Isaías Caminha, Policarpo Quaresma, Augusto Machado e Gonzaga de Sá são funcionários públicos. Escrivães, amanuenses como o próprio Lima Barreto.
- 3 O entendimento desta escolha de Lima Barreto, de que suas protagonistas fossem modestos funcionários da administração pública, cumpre um importante objetivo crítico e representa um setor social até então pouco trabalhado pela prosa de ficção brasileira. Essa escolha promovida por Lima Barreto não pode ser encarada como uma mera transposição de suas próprias experiências no funcionalismo público, mas sim de um ponto essencial das mudanças sociais que se operaram na virada do século e na transição da Monarquia para República, que acarretaram sérias transformações na composição dos setores urbanos da sociedade brasileira.
- 4 A título de comparação, as personagens de Machado de Assis são, em sua grande maioria, oriundas de setores médios e altos da sociedade brasileira (médicos, advogados, respeitados funcionários públicos, deputados, viúvas que viviam de rendas). Em suma, um setor pouco tocado pelas aflições

---

<sup>1</sup> As citações das obras de Lima Barreto são da edição de suas obras completas de 1961. Para facilitar o entendimento quanto ao livro de Lima Barreto que está sendo citado, uso as seguintes siglas: CO1 e CO2 (Correspondência), DI (Diário Íntimo), RIC (Recordações do Escrivão Isaías Caminha), TF (*Triste Fim* de Policarpo Quaresma) e VM (*Vida e Morte* de M.J. Gonzaga de Sá). Os nomes extensos dos romances foram sintetizados para *Triste Fim*, *Recordações* e *Vida e Morte*.

comezinhas do dia a dia.<sup>2</sup> Como assinalou Roberto Schwarz (1997, p. 69), esta escolha de Machado, operada nos romances da fase madura, era coerente com o período que o autor procurava sintetizar, pois estas personagens representavam os extratos médios (burgueses) de nossa sociedade e por elas o leitor tinha acesso a outros setores sociais que travavam relações com as mesmas, como José Dias, agregado da família de Bentinho, ou mesmo a família de Capitu, cujo pai era um pequeno funcionário público.

- 5 O Conselheiro Aires, que aparece em *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908),<sup>3</sup> é uma das poucas protagonistas de Machado de Assis que se dedicou ao funcionalismo público. Ainda assim, tendo trabalhado em altos escalões como ministro, diplomata e alcançando o ponto máximo da carreira pública: o título de conselheiro. Um dos primeiros pontos que chama a atenção nesta personagem é que ela aparece justamente num período de transição entre a Monarquia e a República e que Machado de Assis usa-a, dentre outras coisas, para sinalizar que poucas mudanças ocorreram entre os dois sistemas, sendo bastante ilustrativos os famosos capítulos das tabuletas. A mudança apenas de fachada também é explorada por Lima Barreto na cena em que Gonzaga de Sá é avisado por um colega de trabalho que a República fora recém-proclamada e aquele se mostra indiferente a tais mudança (VM, p. 47-48). Aliás, as semelhanças entre Gonzaga e o Conselheiro Aires são inúmeras – o ceticismo afetado, o pessimismo em relação aos sistemas políticos e a análise “filosófica” de questões mínimas do cotidiano – porém, um dos pontos que os difere é o fato de que a personagem machadiana largara o funcionalismo tão logo a República fora proclamada, e Gonzaga, devido à sua idade, continuara no funcionalismo. A personagem de Lima Barreto assiste a algumas transformações que se operaram naquele importante setor social com a consolidação da República. Sem contar que Gonzaga de Sá, a despeito de sua enorme ilustração, tivera que se acomodar num posto humilde da administração pública.
- 6 Antonio Candido, em *Um funcionário da monarquia* (2007), ilustra um pouco destas mudanças que se operaram no funcionalismo público brasileiro a partir da biografia de Antonio Nicolau Tolentino, que subiu na administração pública pelo seu próprio esforço, angariando uma posição de respeito na sociedade monárquica brasileira e alcançando o cobiçado título de Conselheiro. Segundo Candido:

7

O seu caso [de Tolentino] serve para ilustrar a mobilidade vertical no Brasil monárquico, cuja classe dominante sabia cooptar os elementos auxiliares de que precisava. Basta pensar no critério de atribuição dos títulos nobiliárquicos, que eram dados a ricos e pobres, brancos e mestiços, membros de famílias importantes e gente “sem nascimento”. Era uma sociedade relativamente flexível no universo dos homens livres (não dos escravos, é claro). Daí o contraste entre o peso da

---

<sup>2</sup> Há raras e felizes exceções a esta regra, como Candido Neves, do conto “Pai contra mãe” ou o enfermeiro Rubião, de *Quincas Borba*.

<sup>3</sup> As edições que constam nas referências são de 1999 e 2000, respectivamente.

dominação de classe e a facilidade com que podiam ser incorporados os que correspondiam aos interesses da oligarquia, independentemente da origem social. A capacidade de recrutar elementos novos para manter o sistema foi um dos fatores de preservação do poder nas classes dominantes, que souberam se renovar sem largar às rédeas nem mudar de mentalidade além do inevitável. (CANDIDO, 2007, p. 137-138)

- 8 A aparente *meritocracia* existente durante o Segundo Reinado só foi possível pelo fato de a demanda por funcionários públicos na Monarquia não ser tão acentuada quanto passara a ser a partir da República, que com sua política mais centralizadora fizera migrar para a capital Federal um grande contingente humano. No regime monárquico, a demanda menor por funcionários aliada à carência de pessoas com a formação necessária, pelo menos alfabetizadas, tornava, teoricamente, todas as pessoas livres concorrentes a estes postos da administração pública. Não se deve esquecer que as novas contingências do sistema Republicano, como a abolição dos títulos nobiliárquicos, tornavam os postos do funcionalismo desejáveis e moeda de troca entre as oligarquias rurais e os setores emergentes urbanos.<sup>4</sup> Substituindo os títulos nobiliárquicos, estavam os títulos acadêmicos. Substituindo o mérito, a indicação.
- 9 No quarto capítulo de *A cidade letrada* (1984), intitulado “A cidade modernizada”, Angel Rama analisa esse processo de modernização característico das cidades latino-americanas, no final do século XIX e início do século XX, procurando apontar como a leitura e a escrita passaram a exercer um papel hegemônico. Para ele, a expansão demográfica e das exportações por parte das grandes cidades explicam a necessidade de pessoal técnico ou semipreparado. Assim, além das demandas já existentes nas instituições públicas e políticas, houve uma demanda nos setores da educação, jornalismo e diplomacia. Criam-se novos mitos urbanos relacionados ao poder transformador da educação que atraem para as metrópoles grandes contingentes humanos em busca de melhores condições de vida: A palavra apareceu como o palanque de ascensão social, da respeitabilidade pública e da incorporação aos centros de poder (RAMA, 1984, p. 74).
- 10 Como consequência desses processos, o funcionalismo público, que antes não era um setor tão cobiçado e representativo da vida nacional, passou para o imaginário nacional como sinônimo de uma vida com garantias mínimas para uns, e com amplas perspectivas para outros. Segundo Rama, estes novos mitos urbanos que partem de componentes reais, mas não são obviamente traduções do funcionamento da sociedade e sim dos desejos possíveis de seus integrantes (RAMA, 1984, p. 77)<sup>5</sup>. As secretarias e os cargos multiplicam-se. Convivem lado a lado, nesses espaços, figuras oriundas de vários setores sociais, com diferentes perspectivas ideológicas e existenciais. Constituí-se num

---

<sup>4</sup> Não que isso não ocorresse anteriormente, porém o maior número de postos fez com que essa prática também fosse ampliada.

<sup>5</sup> Os dois trechos citados de Angel Rama são traduções minhas.

novo setor ficcional que terá, em Lima Barreto, um explorador sistemático, como se pode acompanhar em alguns de seus apontamentos do *Diário*, em suas crônicas e em quase toda sua produção ficcional. Interesse manifesto, em especial, pelos funcionários apagados, obscuros e obsoletos da máquina administrativa.<sup>6</sup>

- 11 Este propósito de narrar a vida dos escribas, amanuenses, escrivães encontra sua articulação ideológica e formal em *Vida e Morte*, mas trava um interessante diálogo com os dois romances anteriores de Lima Barreto, como pretendo discutir a seguir.

\*\*\*

- 12 Um dos aspectos que mais chama a atenção na relação de Lima Barreto com sua vida burocrática é o profundo tédio que lhe causava a secretaria em que trabalhou por mais de uma década. O trabalho em si não lhe despertava nenhum interesse e, na posição de escrivão, Lima Barreto ainda convivia com a situação problemática de sua péssima caligrafia. O interesse pela literatura fazia de seu trabalho uma mera ocupação que somente lhe tomava o tempo do exercício literário e lhe garantia, a duras penas, o sustento de sua numerosa família. Além do tédio que marca as narrativas de sua vida burocrática, outro aspecto que se destaca é o interesse por figuras inexpressivas com quem conviveu durante esse período, como se pode ver numa anotação de 1903:

13

Na secretaria, eu tive um companheiro primeiro oficial, o M... T... C..., que era dos poucos que lá havia tendo algum destaque. Ele era duma avareza excepcional e duma estupidez de carneiro. Habitado há quarenta anos a escriturar o protocolo, era incapaz de fazer outra qualquer coisa. Pelas relações da família da mulher, veio a ele alguns cobres que junto à avareza dele davam com que ele manter um filho no Colégio Paula Freitas, uma filha no Instituto de Música. Não comprando os jornais, filava-os dos outros, e isso lhe valia as maiores “molecagens”. Às vezes, ao ele aparecer, um relatava ao outro um caso extravagante, vindo em tal jornal, e, zás, corria a procurar o jornal mencionado. Outras vezes, muito antes de ele chegar, colavam em jornais velhos datas dos novos e ele os lia tal qual como se fossem do dia. A sua estupidez muito concorria para isso e ele leu em 1903 ou 4 um jornal do tempo da Revolta de 93. Ao acabar se lhe perguntou: “Que tal as notícias?” Então, respondeu:

— Poucas novidades, mas que havia um romance da Revolta muito bom.

A sua avareza era tal que ele procurava de mesa em mesa jornais e os juntava para vender aos quilos. Homem feliz. Hei de me aproximar dele para observá-lo no interior. (DI, p. 53)

- 14 O registro do cotidiano desvela o uso de algumas técnicas ficcionais, como a tentativa de fixar em traços ligeiros, típicos da caricatura, as principais características da personagem: a avareza, a ignorância e o automatismo com que cumpria há quarenta anos a mesma função, sendo incapaz de

---

<sup>6</sup> Muito provavelmente, a literatura russa, tão admirada por Lima Barreto, tenha lhe ajudado a perceber as potencialidades da exploração ficcional deste segmento social que se configurava com mais força no Brasil. Entre os volumes catalogados da *Limana*, havia volumes de Tolstói, Turguenev, Gorki e Dostoiévski. *Alma Mortas*, de Gogol, é citado por Lima Barreto, levando a crer que o mesmo conhecesse *O Capote*.

fazer outra coisa. Ao final da anotação, o diarista manifesta o interesse de se aproximar desta personagem e vê-la não apenas nos seus traços mais evidentes, mas de observá-lo *no interior*. De certa maneira, a anotação já trazia uma análise das motivações *interiores* da personagem que explicava sua avareza: o interesse por dar aos filhos uma educação requintada. Estes tipos, juntamente com os militares, não esquecendo que Lima Barreto trabalhava na Secretaria de Guerra, são abundantes nos registros da intimidade. Não há dúvidas que este “posto de observação” foi fundamental na construção de várias de suas personagens. Mas deve-se pensar também em como que essas personagens, observadas pela ótica do pitoresco e do risível nos momentos de ócio na secretaria, desenvolveram-se ao longo da ficção de Lima Barreto e assumiram o papel de protagonistas e narradores em seus romances. Antes da análise de *Vida e Morte*, onde a vida burocrática define um ponto de análise e síntese de estruturas sociais, os dois romances anteriores de Lima Barreto já se aproveitavam de maneira produtiva dessa perspectiva e, ao final, seriam unidos por um mote narrativo presente na “Explicação Necessária”, assinada por Augusto Machado em *Vida e Morte* (VM, p. 29-31).

- 15 As duas personagens principais de *Vida e Morte* (1919) têm vários pontos de contato e de divergência com as personagens de *Recordações* (1909) e de *Triste Fim* (1911/1915) e servem ainda para evidenciar a guinada narrativa proposta no romance de 1919. Dessa maneira, a primeira comparação que se faz necessária é entre os narradores de *Vida e Morte* e de *Recordações*, lembrando que os dois livros foram produzidos quase que simultaneamente na primeira década do século XX.
- 16 Retomando alguns elementos da configuração das personagens dos dois romances publicados anteriormente, é possível perceber como Lima Barreto explora este universo do funcionalismo público. Isaías Caminha conta sua história na condição de escrivão da Coletoria Federal de Caxambi. Todavia, não é sua condição de funcionário público que é o alvo principal da narrativa, mas sim o período em que trabalhara no jornal *O Globo*, onde ocupando o cargo de contínuo e depois de repórter assiste à formação do quarto poder da República brasileira: a imprensa. O cargo de modesto funcionário público de uma coletoria do interior, obtido com a indicação do dono do jornal, serve apenas de pretexto narrativo, pois dos grandes sonhos de ascensão social que a personagem nutria, no início de sua vida, acabara tendo que se contentar com o apagamento propiciado pela modesta função: “Mentalmente comparei meus extraordinários inícios nos mistérios das letras e das ciências e os prognósticos dos meus professores de então, com este meu triste e bastardo fim de escrivão de coletoria de uma localidade esquecida.” (RIC, p. 41). É o ruir dos seus sonhos de ilustração e ascensão social, pautados na ideologia democrática da República, e a vingança contra aqueles que impediram sua consecução que alimentam sua narrativa.

- 17 Apesar de ser pouco explorada a condição de funcionário público da personagem, deve-se frisar que, durante o período que trabalhara no jornal, Isaías Caminha percebe as relações entre o jornal e o governo, em que os cargos públicos serviam como moeda de troca de favores. Todos seus colegas de imprensa acabaram assumindo alguma posição na administração pública, assim como alguns funcionários públicos se valiam do jornal para galgarem posições no funcionalismo. Sendo o caso mais emblemático o do médico legista Franco de Andrade, que solucionara um crime lendo as notícias inventadas no jornal e que acabou assumindo a chefia do Instituto Médico Legal (RIC, p. 217-219). Nesse romance, o funcionalismo público não é encarado de um ponto de vista interno, como ocorre com o jornal, mas de uma perspectiva externa e sem ser o ponto central da narrativa.
- 18 Vale salientar que grande parte das constatações sobre o funcionamento do jornal se oferecem para Isaías quando este ocupara o cargo de contínuo. Nessa condição, Isaías é ignorado pelos colegas de trabalho que, em sua frente, não precisam ou se esquecem de representar e se mostram como realmente são (SCHEFFEL, 2007, p. 76). Essa estrutura parece ter sido repetida tanto em *Triste Fim* como em *Vida e Morte*, mudando apenas o lócus de observação: do jornal para o funcionalismo. A irrelevância de Policarpo Quaresma, Gonzaga de Sá e Augusto Machado propicia-lhes o contato com o funcionamento da máquina administrativa e com as práticas de seus agentes e não com os seus discursos. Ali, eles têm contato com os chefes de repartições e com os pequenos funcionários. Pode-se dizer que assim como Isaías oferece uma visão do funcionamento de um grande jornal – os jogos de poder, a hierarquia, as inimizades, os conflitos ideológicos (SCHEFFEL, 2007, p. 71-97) –, estes personagens oferecem uma visão interna do funcionalismo e de outros setores sociais que travavam relações com estes setores médios da sociedade. Afora as constatações sobre os seus espaços de trabalho, essas personagens transitam por vários pontos da cidade, valem-se do trem e do bonde como meios de transporte, têm acesso à leitura dos jornais e de revistas, eventualmente frequentam o teatro e vivem no subúrbio – principal alvo da literatura de Lima Barreto. Em suma, a representação literária desse grupo propiciava uma visão ampla de vários setores sociais, sem ter que recorrer ao esforço exaustivo documentalista.
- 19 Quanto ao plano narrativo, Augusto Machado assim como Isaías Caminha escreve o seu livro na posição de modesto funcionário público. Ambos são revolucionários, com pretensões literárias, mulatos que tiveram uma educação privilegiada. Resumidamente, são *alter egos* de seu criador e esse aspecto é pouco ocultado ao longo da narrativa dos dois livros.<sup>7</sup> Entretanto, a narrativa de Isaías Caminha carrega mais na carga confessional, desferindo duros golpes contra os mandarins da literatura nacional e deixando à mostra o ressentimento de seu criador; enquanto a narrativa de

---

<sup>7</sup> Isaías Caminha chega a confessar que escrevia um livro intitulado *Clara dos Anjos*.

Augusto Machado caminha na direção de relatar as conversas que tivera com Gonzaga de Sá e assume um tom mais brando, sem com isso perder a carga crítica.

20 Na “Explicação Necessária” que abre o romance, Augusto Machado explica o propósito de sua narrativa:

A ideia de escrever esta monografia nasceu-me da leitura diurna e noturna das biografias do doutor Pelino Guedes. São biografias de ministros, todas elas, eu entendi fazer a dos escribas ministeriais. Por ora, dou unicamente subsídios para uma; mais tarde, talvez escreva as duas dúzias que planejo.

Não há neste tentâmen nenhuma censura ao ilustre biógrafo, nem tampouco propósito socialista ou revolucionário de qualquer natureza. Absolutamente não! Obedeci, aliás, muito inconscientemente em começo, à lei da divisão do trabalho; e, com isso, sem falsa modéstia o digo, fiz uma importante descoberta que o mundo vai me agradecer.

Os sábios, pelas notícias que deles tenho, não tinham dado ainda pela falta de verificação desta lei, nos domínios da biografia.

Entretanto era fácil ver que, exigindo a ordem obscura do mundo humano um doutor que cure, outro que advogue, forçoso era também que houvesse um biógrafo para os ministros e outro para os amanuenses. (VM, p. 29)

21 Este propósito irônico de narrar a vida dos escribas, guiando-se pela divisão do trabalho, havendo um escritor para os altos escalões e outro para os setores baixos do funcionalismo, acaba por se configurar numa espécie de *chave-narrativa* da produção ficcional de Lima Barreto. Foi esta a perspectiva adotada em vários de seus romances, em suas crônicas e nos seus escritos da intimidade: um olhar da periferia para o centro, das posições humildes do funcionalismo público para os cargos de mando. Dessa forma, o mote de narrar a vida dos amanuenses, presente neste seu último romance, insere os dois romances que lhe antecederam neste projeto ficcional mais amplo. A “Explicação Necessária”, que traz a data de 1906, serve para situar o tempo da narrativa e para dimensionar a construção deste projeto crítico envolvendo a vida dos pequenos funcionários públicos.

22 O ponto de vista interno do funcionalismo público e a representação do universo suburbano ganham força com o Major Policarpo Quaresma. Trabalhando no Arsenal de Guerra há mais de 20 anos, ele é um subsecretário exemplar, dedicado, estudioso e ufanista. Hábitos que acabam irritando seus colegas de repartição que ironizam sua mania de ilustração, o que, para eles, seria incompatível com o cargo humilde ocupado e com sua falta de formação acadêmica. Neste romance, narrado em 3ª pessoa, Lima Barreto explora tanto o universo do funcionalismo público como o dos militares, vendo neles um ponto de contato: o desejo pelos títulos e patentes sem que houvesse um desejo de ilustração. Trata-se da configuração de espaços marcados pela competição acirrada, pelo arrivismo sem limites e que impedem a construção de qualquer perspectiva crítica. Aqueles que procuram formar tal perspectiva, caso do Major Quaresma, corriam o sério risco de virar alvo de chacota de seus companheiros de trabalho:



Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe porque em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar que lhe estava às costas, disse em tom chocalheiro: “Você viu hoje o Ubirajara está tardando?” (TF, p. 34)

24 Lima Barreto aproveita para marcar, com estas personagens e com estes ambientes, a construção de uma “burguesia suburbana” formada, principalmente, pelos escalões médios e baixos do funcionalismo. Indivíduos que ostentam em seus bairros um orgulho por sua posição social ou que são admirados pelos demais moradores: “Um velho contínuo tem-se na conta de grande e imensa cousa, só pelo fato de ser funcionário do Estado, para carregar papéis de um lado para o outro” (TC2, p. 439-446). Mesmo Quaresma com suas extravagâncias ufanistas, como imitar cumprimentos tupinambás ou admirar o plebeu violão, é respeitado pelos seus vizinhos: “Major Quaresma podia levar um trem de vida superior aos seus recursos burocráticos, gozando, por parte da vizinhança, da consideração e respeito de homem abastado” (TF, p. 27-28).

25 A escolha destes setores médios da sociedade urbana é essencial no projeto ficcional e crítico de Lima Barreto. Ao representar personagens de setores médios da sociedade o romancista consegue com maior facilidade sintetizar vários aspectos da dinâmica social (LUKÁCS, 1968), pois essas personagens transitam e travam relações com os setores altos e baixos, oferecendo ao leitor um panorama mais completo e, ao mesmo, tempo sintético. Estendendo essas considerações para o caso específico da prosa de Lima Barreto, pode-se pensar também que são personagens que ascenderam de setores baixos ou que decaíram de posições sociais mais prestigiadas, vivendo a tensão de almejam posições melhores e de temerem a perda da posição alcançada. Uma personagem como Policarpo Quaresma, por exemplo, transitava no universo suburbano, travando relações com personagens como o violeiro Ricardo Coração dos Outros, com o comerciante Coleoni, com o médico arrivista esposo de Olga, com os militares que sufocaram a revolta da Armada e chegando ao ponto de ter dois contatos efêmeros, porém muito significativos, com o Marechal Floriano Peixoto que lhe permitem perceber que a República que ele, Quaresma, sonhara só existira “no silêncio de seu gabinete” (TF, p. 285). Assim, apenas a trajetória de Quaresma permitia um olhar sobre vários setores sociais. Fato facilitado pelo narrador de 3ª pessoa que acompanha a ação e as perspectivas ideológicas das personagens.

26 Policarpo Quaresma e Gonzaga de Sá também guardam certas semelhanças entre si. Ambos são contemporâneos da transição da Monarquia para a República e, a despeito dos cargos modestos que ocupam, alimentam um ideal de ilustração que é alvo de ironias de seus colegas de repartição. Já as diferenças são inúmeras e ligam-se ao plano ideológico e da ação das personagens. Policarpo

Quaresma ao início de sua história apresenta uma euforia ufanista e reformista e acredita que grandes transformações possam se operar no governo de Floriano Peixoto. Dedicar anos de sua vida aos seus ideais e vê todos seus projetos, um a um, não frutificarem e acaba se arrependendo de ter agido, de ter tentado promover tais reformas.<sup>8</sup> Gonzaga de Sá, pelo contrário, opta desde o começo de sua trajetória pelo apagamento, por uma vida obscura, muito aquém de seu potencial, manifestando ceticismo em relação à ação e aos sistemas políticos. Ao final, Gonzaga de Sá sente-se arrependido de nada ter realizado. Em síntese, as duas personagens põem em jogo os conflitos entre participar ou assistir às contendas do seu tempo. Policarpo Quaresma participa e arrepende-se de não ter somente assistido. Gonzaga de Sá somente assiste e se lamenta de não ter participado. As duas opções – a da inércia e a da participação – mostram-se inoperantes e frustrantes para os protagonistas.

27 Deve-se lembrar ainda que as duas personagens ilustram os diferentes setores que convergiram para o funcionalismo público. Gonzaga de Sá é filho de uma família ilustre, descendente dos fundadores do Rio de Janeiro, seu pai fora médico durante a campanha do Paraguai, ou seja, a personagem reunia todos os elementos possíveis para ascender socialmente, mas optara conscientemente pelo apagamento e pela abstenção das lutas por posições no novo regime. Já de Policarpo Quaresma pouco se sabe de sua origem, mas se pode inferir que tenha vindo de estratos baixos da sociedade e que a posição assumida no funcionalismo público constituía-se quase no limite possível de ascensão social. Para ascender além deste limite, a personagem necessitaria apelar para mecanismos arrivistas – situação incompatível com sua personalidade. Policarpo Quaresma, por idealismo, coloca-se a parte dessas disputas e manifesta inclusive certa ingenuidade em relação a esses mecanismos. Gonzaga de Sá conhece os mecanismos, mas manifesta indiferença a eles. Por último e não menos importante, é o universo leitor que separa essas personagens: Quaresma e suas leituras de cunho exclusivamente nacionalista (a brasileira), e Gonzaga de Sá com sua formação cosmopolita, mas sem deixar de manifestar seu interesse por formas de pensamento alternativo que se desenvolvessem fora do círculo da grande imprensa.

28 É justamente este pensamento eclético de Gonzaga de Sá que lhe permite ler e interpretar aquela *sociedade de fachada* que se desenvolvia naquele início de século na capital da República e seus símbolos mais exteriores: as roupas, os passeios pelos pontos sofisticados, as revistas elegantes, as colunas sociais e o interesse pelos espetáculos teatrais.

## **Referências Bibliográficas**

---

<sup>8</sup> O nome do personagem Policarpo (poli = vários + carpo = fruto) aponta para os projetos do protagonista que não frutificaram (SANTIAGO, 1982, p. 174).

- 1] ANDRADE, Mário. *O Movimento Modernista*. In: \_\_\_\_\_. Aspectos da literatura brasileira. Ed. 6ª. São Paulo: Editora Martins, 1978. p. 231-255.
- 2] ASSIS, Machado. *Esau e Jacó*. São Paulo: Ática, 1999.
- 3] \_\_\_\_\_. *Memorial de Aires*. São Paulo: Ática, 2000.
- 4] BARRETO, Lima. *Correspondência, Ativa e Passiva*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. Tomo 1 e 2.
- 5] \_\_\_\_\_. *Diário Íntimo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- 6] \_\_\_\_\_. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- 7] \_\_\_\_\_. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- 8] \_\_\_\_\_. *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- 9] BOSI, Alfredo. *Moderno e modernista na literatura brasileira e Mário de Andrade crítico do Modernismo*. In: \_\_\_\_\_. Céu, Inferno – ensaios de crítica e literatura ideológica. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2003. p. 209-242.
- 10] CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T.A. QUEIROZ, 2000.
- 11] \_\_\_\_\_. *Um funcionário da monarquia – ensaio sobre o segundo escalão*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- 12] RAMA, Angel. *La ciudad letrada*. Hanover: Ediciones del Norte, 1984
- 13] SANTIAGO, Silviano. *Uma ferroada no peito do pé* (Dupla leitura de Triste Fim de Policarpo Quaresma) *Vale Quanto Pesa – ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- 14] SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 3a ed. São Paulo: Editora 34, 1997.
- 15] SCHEFFEL, Marcos. *Do registro diário à criação em Lima Barreto*. Joinville: Letradágua, 2007.

---

**iAutor(es)**

**Marcos SCHEFFEL, Prof. Dr.**

Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

E-mail: marcos.scheffel53@gmail.com